CAPÍTULO XXIV

A União Soviética e as Classes

PROBLEMAS SEMELHANTES SÃO enfrentados pela União Soviética, embora esse país já se encontre em estágio de desenvolvimento econômico muito superior ao da China. Na verdade, as semelhanças entre as duas sociedades são muito grandes, a partir do fato de que em ambas o modo estatal de produção é dominante.

Os êxitos econômicos também foram extraordinários na União Soviética. E o grau de equalitarismo na União Soviética é provavelmente quase tão grande quanto na China. As diferenças econômicas entre operários e a maioria dos trabalhadores intelectuais são muito pequenas. Como todo o custo da educação é assumido pelo Estado, não se considera um custo para o indivíduo estudar mais. Por isso os exames vestibulares para as universidades continuam concorridíssimos, embora os salários de operários e trabalhadores intelectuais sejam semelhantes. Os tecnoburocratas, entretanto, têm uma possibilidade de maior mobilidade profissional, o que afinal pode garantir um pouco mais de renda e muito mais poder. É esta possibilidade de alcançar mais poder e maior participação no excedente que nos permite falar em uma nova classe de tecnoburocratas.

É preciso, entretanto, admitir que os privilégios econômicos alcançados por essa classe são muito menores do que os alcançados pela alta burguesia nos países capitalistas e menores, também, do que os da alta tecnoburocracia nos países capitalistas. Esta, na medida em que serve a burguesia, administrando seus negócios, se sente com direito a padrões

de vida semelhantes aos da burguesia. Já em países como a União Soviética e a China, onde a burguesia foi eliminada, a alta tecnoburocracia não tem esta razão para se diferenciar economicamente dos trabalhadores. Por outro lado, toda a ideologia equalitarista do socialismo, condenando a distinção entre trabalho manual e intelectual, dificulta essa diferenciação. Enquanto nos países capitalistas a ideologia que valoriza o trabalho intelectual sobre o manual está profundamente entranhada, na China como na União Soviética essa ideologia é oficialmente condenada. Na União Soviética encontrei um engenheiro finlandês que se revelava indignado com a pouca valorização do trabalho dos técnicos quando comparado com o do operário manual. Sua reação era semelhante à do magistrado brasileiro na China ao ver que o chefe de uma brigada de mais de 800 pessoas, controlando 300 hectares de terras férteis, era um camponês como qualquer outro. Esta “inversão da ordem natural das coisas” está acontecendo tanto na União Soviética quanto na China. O trabalho intelectual é menos árduo e afinal pode permitir a alguns maior poder e participação no excedente. Por isso é ainda preferido, apesar dos longos anos de estudos e de os salários tenderem a ser semelhantes aos dos operários durante muitos anos.

Isto não significa que exista na União Soviética uma sociedade igualitária. Como na China, e talvez um pouco mais acentuadamente, as diferenças de remuneração existem. Em 1972, quando o salário mínimo na União Soviética era de 60 a 70 rublos e o salário médio de 130 rublos mensais, Mervyn Matthews estimou que cerca de 0,2% da força de trabalho eram constituídas por uma elite ganhando ordenados superiores a 450 rublos.²⁸

Estas diferenças, que incluem os ganhos indiretos, são suficientes para demonstrar que as diferenças de classe não desapareceram na União Soviética. Mas revelam que estas diferenças são muito menores do que nos países capitalistas. Nesta pesquisa o objetivo explícito de Mervyn Matthews era o de “provar que privilégios políticos, econômicos e sociais existem sob o comunismo”.²⁹ No entanto, no final do livro o autor admite que “a família soviética de elite no início dos anos setenta possuía um padrão de vida aproximadamente igual ou talvez um pouco abaixo ao de uma família norte-americana média”.³⁰ Ora, ainda que a renda por habitante

²⁸ *Privilege in the Soviet Union*. Londres, George Allen & Unwin, 1978. p. 22.

²⁹ *Idem*, p. 7.

na União Soviética ainda seja consideravelmente inferior à dos Estados Unidos, torna-se difícil demonstrar a existência de grandes privilégios ou grandes diferenças de classe na União Soviética a partir de padrões de consumo tão modesto para a elite soviética, estimada pelo autor em 0,2% da população.

Por outro lado, é importante assinalar que não existe uma tendência ao aumento das desigualdades na União Soviética. Este fenômeno ocorreu durante a dominação stalinista, mas há indicações seguras de que a partir dos anos cinquenta houve uma reversão dessa tendência, com a diminuição sistemática das diferenças entre a tecnoburocracia e os trabalhadores manuais.³¹

Sem dúvida, é possível falar em classes na União Soviética: em uma classe dominante de tecnoburocratas ou "intelectuais" e em uma classe de trabalhadores manuais. Mas as diferenças de classes, do ponto de vista econômico, são reduzidas. Dentro da tecnoburocracia, apenas uma pequena percentagem dos altos administradores do Partido Comunista, do governo e das grandes empresas estatais alcançava padrões de vida claramente diferenciados dos padrões de vida dos trabalhadores manuais, mas mesmo nesse caso as diferenças são consideravelmente menores do que nos países capitalistas. Por outro lado, a mobilidade social, ainda que limitada, é maior na União Soviética e na China do que nos países capitalistas.

Estas considerações deixam claro que a aplicação das teorias sobre as classes sociais formuladas para explicar as sociedades capitalistas decididamente deve ser feita com muito cuidado para a análise da situação social em países como a União Soviética. Na verdade, em formações sociais predominantemente estatais, só podemos falar em classes sociais, em sentido lato, na medida em que podemos identificar as relações de produção tecnoburocráticas ou estatais, e dividir a sociedade em uma classe dominante, que tem, em diversos graus, o controle da organização burocrática estatal, e uma classe dominada, formada pelos trabalhadores manuais. Enquanto os trabalhadores recebem salários diretamente relacio-

³⁰ *Idem*, p. 177.

³¹ Goldthorpe, John H. "Estratificação Social na Sociedade Industrial." In: Neuma Aguiar (org.). *Hierarquia em classes sociais*. Rio de Janeiro, Zahar, 1974. p. 245-6. O autor baseia suas afirmações nos levantamentos realizados por Robert A. Feldmesser e Alec Nove. A mesma conclusão chega Leonard Joel Kirsch (*Soviet Wages: Changes in Structure and Administration Since 1956*. Boston, MIT Press, 1972. p. apud David Laibman) (ver nota seguinte).

nados com sua produtividade, os tecnoburocratas recebem ordenados que dependem de sua posição hierárquica na organização estatal.

Não devemos, entretanto, enfatizar estas distinções baseadas na inserção dos dois grupos nas relações de produção, porque ao contrário do capitalismo, que é uma sociedade de classes em sentido estrito, em que o elemento econômico é fundamental, nas sociedades estatais, as classes em sentido lato assumem o caráter de camadas sociais relativamente fluidas, caracterizadas por grande mobilidade social, em que o fator político tem papel fundamental. Mais especificamente, temos uma classe tecnoburocrática, que deve ser subdividida pelo menos em duas camadas — a alta e a média tecnoburocracia — e uma classe de trabalhadores, que também pode ser subdividida em camadas. As diferenças entre a média tecnoburocracia e os trabalhadores, em termos de renda, de prestígio e poder, são pequenas. E mesmo as diferenças em termos de renda entre a alta tecnoburocracia e as demais camadas da sociedade são pequenas. O que distingue fundamentalmente a alta tecnoburocracia do restante da sociedade é o fato de em seus membros se concentrarem todo o prestígio e o poder.

É preciso assinalar, por outro lado, que esse prestígio é esse poder não derivam da propriedade direta de meios de produção, mas da posição na hierarquia da organização. A propriedade tecnoburocrática é coletiva. Para que possa se concretizar em termos da fruição de bens, ela deve ser mediatizada pela posição ocupada pelo tecnoburocrata na hierarquia organizacional. O poder, portanto, confunde-se com a posição na hierarquia da organização ou dela deriva. Quanto maior for o poder (e a dimensão) da própria organização, e mais elevada a posição do tecnoburocrata na hierarquia organizacional, maior será seu poder pessoal. Esse poder será a fonte de acesso aos bens materiais e não vice-versa, como acontece no capitalismo, em que é a propriedade direta do capital que determina a posição social.

David Laibman faz uma crítica das duas teorias mais comuns sobre a formação social soviética — a teoria do capitalismo de Estado e a teoria que venho procurando ajudar a desenvolver da emergência de uma nova classe burocrática — para concluir que a URSS seria uma sociedade capitalista. Vale a pena ler seu trabalho pela bem estruturada crítica à teoria do capitalismo de Estado e pela análise factual da formação social soviética. Sua análise, entretanto, deixa muito a desejar quando se refere à teoria do estatismo e da classe tecnoburocrática, seja porque não a conhece

suficientemente, seja porque continua apegado a conceitos marxistas relacionados exclusivamente com o capitalismo e, portanto, inadequados para a compreensão de um novo fenômeno social, como é o modo estatal ou tecnoburocrático de produção.³²

As diferenças de poder e prestígio entre a alta tecnoburocracia e o restante da sociedade são, portanto, muito grandes. Mas já vimos que não implicam, em absoluto, diferenças econômicas marcantes. O padrão de vida na União Soviética é uniformemente elevado. Se na China não há miseráveis, na União Soviética não há pobres. Moscou e Leningrado são duas magníficas cidades. Os prédios de apartamento, que não param de ser construídos, são modernos e construídos no meio de gramados, à semelhança das superquadras de Brasília. Os bens de consumo continuam limitados, na medida em que o poder aquisitivo do povo é maior do que a capacidade de produção. A alimentação é abundante. Não existe a variedade de bens existentes nos países capitalistas, primeiro, porque não se limita o consumo através do preço e, segundo, porque, quando um bem é colocado no mercado, espera-se que praticamente todo o povo possa vir a comprá-lo. Isto ainda não é verdade em relação aos automóveis, embora o número de automóveis particulares nas ruas esteja crescendo muito.

Não há praticamente inflação. Os preços dos produtos básicos alimentícios e não-alimentícios foram congelados em 1955 e permaneceram praticamente estáveis desde então. Por outro lado, os salários quase triplicaram nesse período. Na verdade, o preço dos produtos não-alimentícios caiu um pouco e o dos produtos alimentícios subiu ligeiramente. Teria subido bem mais não fosse um amplo programa de subsídios aos produtos alimentares básicos, aos transportes coletivos e à habitação. Aliás, é preciso observar que, em virtude destes subsídios, os preços definitivamente não correspondem aos valores-trabalho na União Soviética. Ao contrário do modo capitalista de produção, em que todos os bens são transformados em mercadorias com o objetivo de serem intercambiadas pelo seu respectivo valor de troca, na União Soviética os preços têm um componente político muito forte.

³² Laibman, David. "The 'State Capitalist' and 'Bureaucratic-Exploitative' Interpretations of the Soviet Social Formation: a Critique." *The Review of Radical Political Economics*, v. 10, n. 4, inverno 1978, p. 24-34.